

# A encenação da competência lingüística na escrita de *abstracts* em DaF: um estudo de caso sobre uso, função e produção de estruturas predicativas com *a/s*

[The staging of linguistic competence in the writing of abstracts in DaF (German as a Foreign Language): a case study on the usage, function and production of predicative phrases with *a/s*]

Júlio Matias<sup>1</sup>

**Abstract:** This paper discusses the notion of linguistic staging as applied to the field of German as a Foreign Language (DaF). We thus propose a concept of *staging of linguistic competence* as a strategic procedure by which the scientific academic literacy of writers is enacted in a foreign language. Through staging, learners show linguistic competence to formulate complex structures and to express routines and actions of conventionalized language in the target discourse. We hold that linguistic enacting can be expressed through specific structures as well as through processes of selection of terms. This conjecture is discussed based on the predicative use of syntagmas beginning with *als*, which, due to this structure's functional and semantic properties, can be seen as a means for linguistic staging. The corpus is comprised of abstracts written in German by Brazilian doctoral and master's students, and of "think aloud" protocols of the production of those texts. The data suggest that writers often find it difficult to carry out syntactic plans beginning with *als* and to choose the correct verbs for arguments beginning with *als*. Nonetheless, two strategies of linguistic staging were identified during the study: paraphrasing and accessing semantically concrete concepts before taking up abstract concepts.

**Keywords:** Academic discourse; linguistic complexity; writing process; language repairs; lexical access

**Resumo:** O presente ensaio discute a noção de encenação lingüística, aplicando-a ao campo de estudos de Alemão como Língua Estrangeira (DaF). Assim, propomos um conceito de encenação da **competência** lingüística, como um procedimento estratégico através do qual a competência científica dos escritores é representada por meio da língua estrangeira. Através da encenação, os escritores demonstram domínio lingüístico para formular estruturas complexas, bem como para expressar rotinas e ações de linguagem convencionalizadas no discurso alvo. Defendemos que a Encenação Lingüística pode-se manifestar através de estruturas específicas, e através de processos de seleção lexical. Essa conjectura é discutida com base no uso predicativo de sintagmas introduzidos por *als*, os quais, devido a suas propriedades semânticas e funcionais, podem ser vistos como um recurso de encenação lingüística. O corpus é composto de abstracts

---

<sup>1</sup> Doutorando no Herder Institut da Universidade de Leipzig e Leitor Brasileiro do MRE/DPLP na Universidade de Colônia Email: matias.julio@uni-koeln.de

escritos em alemão por mestrandos e doutorandos brasileiros e de Protocolos de Pensamento em Voz Alta da produção daqueles textos. Os dados apontam uma recorrente dificuldade para completar um plano sintático iniciado por *als*, assim como para selecionar os verbos adequados para um argumento introduzido por essa partícula. Não obstante, duas estratégias de encenação lingüística puderam ser identificadas: a paráfrase e o acesso a conceitos semanticamente concretos antes da ativação de conceitos abstratos.

**Palavras-chave:** Discurso Acadêmico – Complexidade Linguística – Processo de escrita – Reparos de Linguagem – Acesso lexical

## Introdução

Realizando uma despretenhosa busca no catálogo da DEUTSCHE NATIONAL BIBLIOTHEK (DNB) para as palavras-chave *Drama* e *Theater*, deparamo-nos com títulos tais como: *Theater als Form politischer Partizipation* (GUNDLACH 2012), *Der Altar als Bühne* (SCHULER 2013), *Die Welt als Drama* (DELLWING et al. (ed.) 2013), *Theater als kritischer Erfahrungsraum im Stoffwechsel zwischen Bühne und Musik* (VAGN LID, 2011), *Theater als System : eine Evolutionsgeschichte des modernen Theaters* (HOFFMANN 1997), *Theater als Gedächtnis: semiotische und psychoanalytische Untersuchungen zur Funktion des Dramas* (SIEGMUND 1996).

Essa busca informal é ilustrativa para o recorrente emprego da estrutura *X als Y* em textos acadêmicos de diversas áreas em língua alemã, bem como para o leque de funções sintáticas e relações semânticas que ela permite. Tomando exemplarmente o resultado de nossa busca e recorrendo às artes cênicas como metáfora, observamos que um dos possíveis significados de *als* é designar que um determinado elemento, na esfera de todas as acepções possíveis, representa um papel selecionado, dentro de um determinado contexto. Em outras palavras, o referente designa um dos papéis que o núcleo nominal pode assumir, construindo, deste modo, um “cenário” restrito dentro do qual ele será abordado. Nesse sentido, os títulos do catálogo da DNB demonstram como o núcleo nominal “teatro” pode ser abordado sob diferentes prismas: como uma forma de participação política, como um espaço de experiência crítica, como sistema ou como memória, dentre outros possíveis.

É interessante ressaltar como a estrutura sintática é convencionalizada para a formulação de um elemento indispensável da própria organização textual, no caso, o

título – a porta de entrada para a interação entre leitor e texto. O título, antes do resumo, da orelha, ou da contra-capá, é o elemento que irá despertar o interesse do leitor, o qual, seletivamente, pode ou não, prosseguir com a leitura do artigo, do livro, ou decidir-se por uma palestra. É elementar que *X als Y*, mais que um tipo de padrão sintático para formulação de títulos, desempenha outras funções para a realização de ações de linguagem, próprias da prática textual acadêmica, p.e. expressar julgamentos, ou formular definições. Esse fato permite caracterizar *als* amplamente como um recurso da linguagem comum, aplicado à reprodução da linguagem científica, ou seja, como um recurso da **Linguagem Científica Comum** (*allgemeine Wissenschaftssprache*) (cf. EHLICH 1999).

De classificação gramatical controversa, *als* introduz um predicativo, abrindo uma lacuna para a expansão de um grupo nominal ou para a inserção de um complemento verbal. Dentro do grupo nominal, ele pode funcionar como um atributo, excluindo-se aqui seu emprego em orações comparativas, orações adverbiais temporais ou em contextos imaginários (e.g. *als ob*) ou aditivos ( e.g. *sowohl ... als auch*).

Aproveitando o *Drama* como foco temático deste número, aliado ao olhar inicial sobre os possíveis papéis que uma partícula como *als* pode assumir para expressar ações de linguagem, o presente ensaio busca discutir um conceito transposto das artes cênicas para a análise do discurso, qual seja, o de **encenação lingüística**. Todavia tentarei, para além da discussão, aplicar o conceito à produção do discurso acadêmico em língua estrangeira, propondo, desse modo, uma noção de **encenação da competência lingüística**.

Esse ponto é de grande interesse para a didática do Alemão como Língua Estrangeira (*Deutsch als Fremdsprache* – doravante DaF). A dificuldade de falantes não-nativos, e mesmo dos próprios falantes nativos, com estruturas e modos de expressão rotinizados na linguagem acadêmica, já foi objeto de diversos estudos. Em alguns, nota-se que determinados contextos, nos quais *als* desempenha um papel central, não são incólumes a tais dificuldades. Nesse sentido, proponho, nas próximas páginas, investigar o modo como estruturas predicativas com *als* podem ser utilizadas heurísticamente na formulação de atos retóricos e de linguagem dentro da prática textual acadêmica, considerando, para tal, até que ponto tais estruturas servem como meio de encenar, mais que a linguagem, a competência lingüística. O diferencial desta

abordagem é o cruzamento de dados textuais com dados processuais, com o intuito de obter indícios sobre a base cognitiva dessa forma de encenação lingüística. Assim, serão apresentados dados empíricos de um estudo sobre o processo de escrita de *abstracts* de congressos, redigidos em língua alemã por doutorandos e mestrands brasileiros. Com isso, interessa-nos saber se é possível identificar padrões de uso e produção do *als* predicativo nos textos produzidos, além de refletir sobre estratégias e recursos lingüísticos utilizados por falantes não-nativos para concretizar o que aqui consideramos encenação.

Na primeira seção, será apresentado um breve panorama da aplicação do conceito de **Encenação Lingüística** em diferentes campos de estudo. A seguir, o conceito de **Linguagem Comum Científica** será delineado, de modo a fornecer as bases para abordarmos funcionalmente as construções predicativas com *als* no contexto da produção de textos acadêmicos. Na terceira parte, será fornecido um breve quadro da tentativa de classificação gramatical de *als*, baseado na etimologia dessa partícula. A partir disso, na quarta parte, serão descritas, resumidamente, as funções sintáticas e algumas das várias possibilidades semânticas de *als*. A parte seguinte concentra-se no estudo de caso, para o qual foi utilizado um *software* de captura de imagem na coleta de dados obtidos por meio de protocolos de pensamento em voz alta (*Think Aloud Protocols*). Esses dados compõem o corpus de análise da produção autêntica dessas estruturas na língua materna (L1) e na língua estrangeira (L2).

Finalmente, retomaremos a questão da encenação à luz dos dados apresentados, buscando apontar implicações didáticas deste trabalho.

## 1 Encenação Lingüística

**Encenação lingüística** é um conceito geralmente mais aplicado que propriamente delimitado teoricamente. Se recorrermos à linguagem comum como ponto de partida para pensarmos esse conceito, encontraremos no DICIONÁRIO HOUAISS (2009: 749) as seguintes denotações: **encenação** como “1. TEAT espetáculo teatral, montagem, representação 4. atitude que se caracteriza pela falta de sinceridade ou por não corresponder à verdade, cujo fito é iludir ou impressionar alguém”, e do ato de encenar como “1. pôr em cena; preparar a infra estrutura necessária para levar à cena um

espetáculo esp. Teatral, montar 3. t.d. representar (‘exibir em teatro, ‘interpretar um personagem’)

No campo da análise do discurso, a noção de encenação lingüística é aplicada na interpretação do modo como determinados papéis são representados no processo de interação entre sujeitos, dentro de um determinado contexto social, através da linguagem. Assim, diversos campos de estudo servem-se da noção de encenação lingüística na investigação de temas pertinentes a questões de gênero, de consenso entre sujeitos e instituições, bem como para caracterização de atos de fala dentro do discurso propagandístico e do próprio discurso científico. Entretanto, a questão da encenação parece ainda não ter recebido a devida atenção no âmbito da produção de linguagem em língua estrangeira. Nesse sentido, o presente ensaio pretende contribuir para uma discussão do conceito de encenação lingüística, analisando o modo como falantes não-nativos utilizam os recursos lingüísticos dos quais dispõem na língua estrangeira, para desempenhar papéis dentro de uma dada prática discursiva – seja para apresentar-se como tecnicamente especializados, e desse modo, como pertencentes à comunidade científica, seja para mostrar-se lingüisticamente competentes, e cientes das exigências pragmáticas e textuais dessa comunidade.

A noção de encenação é amplamente disseminada no campo dos Estudos de Gênero. Um exemplo é o trabalho de GOTTBURGEN (1995), que parte da premissa de que a linguagem é um sistema de produção simbólica de significado. GOTTBURGEN investiga como o gênero social é representado por homens e mulheres em anúncios de jornal publicados na seção “correio afetivo”. Segundo a autora, os indivíduos, no processo de interação dentro de um contexto de situação, encenam seus gêneros conforme expectativas culturalmente determinadas (GOTTBURGEN 1995: 259). A análise de GOTTBURGEN pauta-se pela intensidade com que palavras de um determinado campo semântico aparecem em anúncios de homens e mulheres, tanto em suas auto-representações, como nas representações do outro, a quem se procura. Como exemplo, a pesquisadora observa que palavras do campo semântico “Trabalho” são usadas mais por homens para se auto-representar, do que entre as mulheres. Inversamente, as mulheres tenderiam em seus anúncios a uma auto-representação na qual campos semânticos como “aparência” e “carisma” seriam mais reforçados. Segundo Gottburgsen, através da encenação lingüística das diferenças entre gêneros, os

sujeitos reafirmam o seu pertencimento a um grupo, de acordo com parâmetros culturalmente determinados. Desse modo, no processo de interação, eles não só constroem uma imagem de gênero social e culturalmente estabelecida, como também reproduzem o discurso de diferença institucionalizado.

Um outro campo de estudo que se vale do conceito de encenação é o da Comunicação Organizacional. HABSCHIED & KNOBLOCH (2009) introduzem a encenação lingüística como um recurso de representação simbólica de consenso entre forças conflitantes dentro do ato comunicativo. Desse modo, o consenso, como construto discursivo de uma organização, serve para estabilizar relações sociais de poder, assim como para legitimar e impor decisões políticas. Esse “consenso de fachada” (HABSCHIED & KNOBLOCH 2009: 8ss.) seria uma característica paradoxal da comunicação formal dentro de uma organização. Por um lado, existe uma relação de poder assimétrica, na qual sujeitos são coagidos a compactuar com as esferas detentoras de poder. Porém, concomitantemente, o discurso pauta-se pela constituição comunicativa de identidade, na qual cada sujeito é abordado como peça integrante e fundamental de um conjunto harmônico. Assim, o poder não é exercido explicitamente, mas sim, manifesta-se tacitamente sob a superfície de um jogo de linguagem encenado (id.). Assim, a encenação e o controle social se dão através de práticas e procedimentos discursivos (HARTZ 2009: 183).

A encenação de consenso, porém, não se manifesta somente no âmbito proposicional, mas também em práticas não-discursivas, como em cultos, conforme observa ANTOS (2009)<sup>2</sup>. A fim de analisar a encenação de consenso na esfera performática, ANTOS vale-se da Teoria da Mimese, de René Girard, segundo a qual a imitação, enquanto predisposição ontológica do ser humano, é decisiva tanto para a formação de grupos, quanto para o aprendizado de regras e padrões de comportamento dentro do ambiente social. Assim, o culto, enquanto um ato performático que se repete e

---

<sup>2</sup> Cito no original: "Anders als ein mühsam durch Diskussion oder Diskurse entstandener Konsens beruhen viele dieser Inszenierungen aber gerade nicht auf einer inhaltlichen, d.h. propositional basierten Grundlage, sondern auf dem Selbstgenuss gemeinschaftlicher Performativität. Bei ästhetischer, rhetorischer oder ritueller Kommunikation wird der kaum greifbare, aber prägende Einfluss dieser Performativität im Allgemeinen auch zugestanden. Dennoch dominiert bei der Erzeugung von Konsens noch weithin die Vorstellung des Primats des Propositionalen vor der Performativität." (ANTOS 2009: 118).

se caracteriza pela imitação recíproca, reafirma e atualiza uma determinada prática coletiva no âmbito não-discursivo.

Exatos quatorze anos antes de se dedicar à análise da encenação em práticas não-discursivas, ANTOS já tecia considerações sobre a encenação linguística de *expertise* no discurso científico, desta vez recorrendo à noção de **redução de contingente** da Teoria de Sistemas Sociais de Niklas LUHMANN.<sup>3</sup> O conceito de contingência designa a unidade de diferença da possibilidade e impossibilidade do real (KRAUSE 1996: 123). Ou, nas palavras de LUHMANN, contingentes são estados de coisas no mundo (*Weltsachverhalten*), que também são possíveis de outra forma (LUHMANN 1984: 217). Neste sentido, a comunicação, conseqüentemente a produção de discurso, precisa vincular-se à comunicação (*Anschließbarkeit von Kommunikation an Kommunikation* - LUHMANN apud ANTOS 1995: 113). O êxito comunicativo, segundo ANTOS (1995), ou seja, a relevância da comunicação para um determinado grupo, dependeria, portanto, de padrões de sentido disponibilizados via repetição e reprodução, de modo que a alta contingência do sistema possa ser reduzida (id.). Aplicando-se ao discurso científico, isso significa que novos textos constroem-se a partir de textos anteriores, os quais estabelecem padrões discursivos replicáveis, ou o que ANTOS (1995) denomina **invariâncias** (*Invarianzen*). Sem embargo, o novo texto em si é, recursivamente, um candidato ao fornecimento de novos padrões, contribuindo, dessa maneira, para uma contínua redução da contingência dentro do sistema. Assim, “encenação linguística” refere-se à manifestação de qualquer **invariância linguístico-textual** que, apesar de não

---

<sup>3</sup> O escopo e o foco do presente trabalho não permitem uma discussão aprofundada da ideia de **contingente**, a qual também se relaciona com o conceito de **complexidade**. De qualquer forma, vale ter em mente o que LUHMANN compreende por esses dois termos. Na entrada, fornecida pelo autor no *Historisches Wörterbuch der Philosophie* (p. 378), lê-se no primeiro parágrafo a base para a compreensão do que se chama redução de complexidade: "**Reduktion von Komplexität** ist ein systemtheoretischer Begriff. Er taucht in der kognitiven Psychologie auf, um zu bezeichnen, dass ein System eine Vielzahl verschiedenartiger Umweltsachverhalte zusammenfassen und auf je einen Ausdruck bringen muß, um sie intern verarbeiten zu können." (LUHMANN: 387). A relação entre redução de complexidade, seleção e contingência encontra-se resumida no seguinte trecho da obra *Soziale Systeme – Grundriß einer allgemeinen Theorie*: "Komplexität in dem angegebenen Sinne heißt Selektionszwang, Selektionszwang heißt hier Kontingenz, und Kontingenz heißt Risiko. Jeder komplexe Sachverhalt beruht auf einer Selektion der Relationen zwischen seinen Elementen, die er benutzt, um sich zu konstruieren und zu erhalten. Die Selektion placiert und qualifiziert die Elemente, obwohl für diese andere Relationierungen möglich wären. Dieses „auch anders möglich sein“ bezeichnen wir mit dem traditionsreichen Terminus Kontingenz. Er gibt zugleich den Hinweis auf die Möglichkeit des Verfehlens der günstigsten Formen." (LUHMANN 1984: 47). É importante ter em mente que ANTOS não fala em *redução de complexidade*, mas sim, em *redução de contingência*, embora alguns trechos de seu texto sugiram uma referência à redução de complexidade, se considerarmos que a contingência em si, com base na citação anterior, já pressupõe uma seleção.

estabelecida, encontra-se em uma relação antagônica ou intertextual com outros textos e suas respectivas invariâncias (cf. ANTOS 1996: 115ss.). O analista precisa identificar tais invariâncias linguístico-textuais, as quais não seguem um padrão obrigatório, mas podem ser reconhecidas como potenciais candidatas<sup>4</sup>. Deste modo, ANTOS (1996: 122 SS.) apoia-se na análise de meios retóricos e estilísticos para identificar quatro esferas da encenação linguística de *expertise* em *abstracts*: 1) **Comunicação interna**, 2) **transparência**, 3) **conhecimento factual** e 4) **autoridade científica**.

A **comunicação interna** tange o hermetismo do registro, direcionado à recepção de um público técnico e especializado. Paradoxalmente, o texto não procura estabelecer uma relação interpessoal direta com o receptor. A sintaxe hermética e impessoal, aliada ao vocabulário técnico, o qual projeta o objeto em primeiro plano, selecionam os recipientes do texto.

A **encenação de transparência** representa o contrário da comunicação interna. Mesmo dispondo de complexidade linguística e vocabulário técnico, existe um esforço do texto em facilitar a compreensão da matéria para um público externo.

A **encenação do conhecimento factual** serve para demonstrar a competência técnica do sujeito. Meios para tal podem ser identificados, por exemplo, quando se aponta para uma lacuna em determinada área de estudos ou quando o sujeito acentua o modo como ele próprio está contribuindo para o desenvolvimento da área de estudos.

Finalmente, a **encenação de autoridade científica**, a menos relevante para o presente trabalho, caracteriza-se pelo modo como sumidades dentro de um determinado campo de estudos levantam questionamentos críticos com relação a outras posições científicas.

Considero que muitos pontos das aplicações da noção de **encenação linguística** acima descritas – nos Estudos de Gênero, na Comunicação Organizacional, em uma prática não-discursiva e no Discurso Acadêmico – podem ser sintetizados na abordagem de Patrick Charaudeau. CHARAUDEAU (2010) caracteriza a encenação linguística partindo do postulado de que toda e qualquer relação social é marcada por relações de

---

<sup>4</sup> Cito no original: "[...] die Manifestation von jenen (sprachlich-textuellen) Invarianzen, die weder mit diachron tradierten noch mit bereits verbindlichen synchronen Muster zusammenfallen. Als sozusagen „Muster im status nascendi“ können sie aber sowohl in einem intertextuellen wie in einem oppositionellen Verhältnis zu vergleichbaren anderen Texten und deren sozial verbindlichen Invarianzen stehen." (ANTOS 1995: 115).



influência. O modo como essas relações são representadas dentro da linguagem baseia-se em um princípio de alteridade. Para tanto, é necessário que o eu “reconheça a existência de um outro na sua diferença identitária de sujeito falante”, para que possa tomar consciência de si como sujeito comunicante (CHARAUDEAU 2010: 58). A relação entre ambos os atores se dá através do ato de linguagem, que ocorre dentro de uma situação de comunicação, a qual impõe um processo de **regulação interacional** de acordo o grupo social ao qual se pertence. A situação comunicativa é, portanto, pautada pelo que CHARAUDEAU denomina **contrato de comunicação e instruções discursivas**. Desse modo, a situação de comunicação dita as normas da interação, permitindo que os sujeitos comunicantes construam uma expectativa de troca, restringindo, assim, o modo de encenação dentro do grupo social. Ou seja, a situação e as expectativas que dela emanam determinam a posição de legitimidade dos sujeitos falantes.

A **legitimidade**, por sua vez, exige que o sujeito falante alcance credibilidade e consiga captar o interlocutor ou o público, lançando mão de “procedimentos rituais sociolinguageiros” (CHARAUDEAU 2010: 59) codificados pelo grupo. Neste sentido, o sujeito falante busca influenciar o outro, recorrendo a estratégias discursivas, orientadas segundo quatro fatores (id.:57): 1) o modo de estabelecimento de contato com o outro e o modo de relação entre ambas as partes; 2) a construção de uma imagem do sujeito falante, a qual permita que ele seja reconhecido como uma pessoa merecedora de atenção; 3) a maneira de tocar o afeto do outro para efeitos de sedução ou persuasão, o que CHARAUDEAU chama de **dramatização**; 4) os modos de organização do discurso, através de uma retórica narrativa e argumentativa, que permita que o mundo seja descrito segundo os princípios de veracidade.

Esse panorama de abordagens demonstra que o conceito de **encenação lingüística** não é elaborado numa fórmula de equivalência, mas antes circunscrito por uma série de aspectos, dentre os quais podemos destacar: 1) a reprodução ou imitação de práticas discursivas estabelecidas dentro de um grupo, as quais são mais ou menos invariáveis; 2) a representação de um papel ou de uma ação por meio da linguagem, em um determinado processo de interação, de acordo com o contexto de situação; 3) a redução da complexidade e da contingência de um sistema, por meio de seleção, conforme as exigências do contexto de situação. Um exemplo simples e prático dessa encenação dentro do cotidiano pode ser encontrado na produção rotineira de e-mails:

para fazer uma reclamação, um convite de aniversário, ou marcar um encontro formal, assumimos diferentes papéis ao transitar por cada esfera de interação e de discurso. Esses papéis são transmitidos ao recipiente através de recursos linguísticos, por meio dos quais os recipientes, por sua vez, criam uma determinada imagem de nós, como atores convidam, reclamando, marcam horários etc.

Se transpormos esse cenário para o contexto de produção escrita em língua estrangeira, é plausível assumir que a encenação linguística deva ocorrer em dois níveis: primeiro, no nível da **competência textual**, supostamente desenvolvida na própria língua materna e de fundamental importância para a o trânsito entre diferentes esferas discursivas e de interação; e segundo, no nível da **competência linguística**, no qual o falante apresenta (ou mesmo representa) o domínio que possui da língua-alvo, no âmbito lexical e gramatical. A inter-relação entre esses dois níveis é evidente principalmente em casos nos quais os falantes, apesar de não disporem de conhecimentos linguísticos suficientemente avançados, precisam produzir textos complexos, que exigem o emprego das chamadas **estratégias de transformação do conhecimento** (*Knowledge Transforming*) (SCARDAMALIA & BEREITER 1987), como no caso dos textos acadêmicos. Ou seja, na produção do discurso acadêmico em língua estrangeira, a legitimidade (no sentido de CHARAUDEAU 2010), o domínio de invariâncias linguístico-textuais (no sentido de ANTOS 1995), e afirmação de pertencimento ao grupo, são intermediadas pelo modo como o aprendiz “imita” (ANTOS 2009) a linguagem acadêmica na L2, bem como pelo modo como ele faz uso de todo o seu conhecimento textual, lexical e gramatical para assegurar o êxito comunicativo.

Neste sentido, o presente trabalho busca 1) refletir sobre critérios que sirvam para identificar contextos de encenação linguística em língua estrangeira, 2) buscar uma base cognitiva para a encenação linguística através de evidências de base processual, 3) tecer considerações sobre o modo como estruturas sintáticas específicas podem servir de recurso à encenação da competência linguística em língua estrangeira.

Tomando o primeiro ponto, um critério dedutivo para se medir o nível de encenação pode ser visto na complexidade linguística das estruturas produzidas. A complexidade linguística pode ser avaliada, dentre outros critérios, pela utilização de orações paratáticas ou hipotáticas, de itens lexicais menos frequentes na língua e a formulação de grupos nominais complexos, contendo elementos opcionais. A

complexidade lingüística presta-se como um critério para mensurar a encenação pelo fato de permitir que o escritor demonstre, na língua estrangeira, o seu domínio do sistema lingüístico e sua capacidade de estabelecer relações lógicas sofisticadas. Este ponto pode ser endossado pelo estudo de FEHRINGER & FRY (2007), onde a opcionalidade é analisada como um critério de complexidade lingüística:

We suggest that optionality, as conceptualized in this study, could play a role in the ostentation of one's language prowess. Speakers could thus demonstrate how successfully they could manage the mental resources available to them. (FEHRINGER & FRY 2007: 507).

Contudo, defendemos que a compreensão da encenação em língua estrangeira exige o cruzamento de dados textuais com dados processuais. Só assim é possível observar em que medida os escritores conscientemente manipulam sua expressão para a encenação lingüística nos termos aqui considerados. Ademais, o olhar sobre o processo permite identificar, indutivamente, critérios, e estratégias comunicativas (cf. MANCHÓN & ROCA DE LARIOS 1999) que se prestem à encenação.

Esses aspectos serão melhor desenvolvidos quando da apresentação do estudo de caso, no qual estudantes brasileiros produziram *abstracts* de conferência em alemão como língua estrangeira. Do ponto de vista empírico e metodológico, *abstracts* são interessantes não só para o reconhecimento dos quatro tipos de encenação esboçados por ANTOS (1995), quais sejam, **comunicação interna**, **transparência**, **conhecimento factual** e **autoridade científica** – como também para a análise de material lingüístico, característico de registros acadêmicos, através do qual a encenação da competência pode se manifestar, como, por exemplo, no uso de grupos nominais complexos, *tokens* menos frequentes, nominalizações etc. Do ponto de vista processual, *abstracts* podem ser produzidos em uma seção de coleta de dados de **pensamento em voz alta**, o que permite observar como os escritores, mais ou menos conscientemente, encenam o discurso na língua-alvo. Outro aspecto são as implicações didáticas que um conceito de encenação pode proporcionar. Defendo aqui que a encenação, no contexto de aprendizado de língua estrangeira, pode ser vista como uma estratégia positiva, através da qual os escritores, nos limites de sua capacidade lingüística, buscam representar o papel de integrantes da comunidade científica, formulando uma qualidade de enunciados, mais ou menos bem sucedidos.

## 2 Linguagem Comum Científica

A **Linguagem Comum Científica** (EHLICH 1999) converte o material lingüístico da linguagem cotidiana em rotinas e expressões convencionalizadas, por meio das quais a transmissão do conhecimento científico é retoricamente elaborada. Um exemplo é o verbo *sehen*: enquanto na linguagem comum este designa a percepção óptica (ex. a), na linguagem técnica, ao reger um complemento introduzido por *als*, ele expressa um julgamento (ex. b) (cf. FANDRYCH 2004, GRAEFEN 2004):

Ex.: 1a) Wenn Sie in letzter Zeit immer mehr *blaue Handtücher, Schüsseln, Autos und Hemden gesehen haben*, sind Sie nicht allein. *Die Zeit*, 18.11.1999<sup>5</sup>

1b) Die Oesterreichische Nationalbank (OenB) *sieht als Konsequenz* der Wirtschaftskrise in Osteuropa *keine existenzielle Gefahr* für heimische Finanzinstitute. *Die Zeit*, 05.07.2009

A Linguagem Comum Científica seria, laconicamente, aquilo que se encontra entre um termo técnico e outro (EHLICH 1999: 8). Ela é fundamental tanto para a compreensão quanto para a produção textual-discursiva dentro da comunidade científica. Trata-se de uma linguagem interdisciplinar, através da qual são construídas não só rotinas retóricas e textuais<sup>6</sup>, como também em relações sintáticas usuais em gêneros acadêmicos. Contudo, o domínio dessas rotinas e estruturas pode colocar entraves à produção dessa linguagem, especialmente para falantes não-nativos. GRAEFEN (1999: 232) discute o seguinte exemplo de uma construção errônea na língua estrangeira, no qual há um equívoco no emprego do verbo que seleciona o complemento introduzido por *als*:

Ex.: 2) *Als eine* weitere Untergliederung der Funktionswörter *stellen sich als* Fügewörter die Präpositionen und die Konjunktionen *heraus*.

A análise de GRAEFEN foca-se no uso inadequado do verbo *herausstellen*, sem, no entanto, considerar que, na oração, a construção com *als* é utilizada duas vezes e de

<sup>5</sup> Os exemplos cuja fonte é o *Die Zeit* foram extraídos do corpus DWDS. Outros exemplos, referem-se a um corpus de referências construídos no âmbito deste projeto, baseado no trabalho de YAKHONTOVA (2002). É um corpus de referência alemão-português, constituído de 80 *abstracts*, extraídos de cadernos de resumos das áreas de sociologia, filosofia, literatura e lingüística.

<sup>6</sup> Se pensarmos, por exemplo, na estrutura retórica de introduções por meio de *moves* proposta por SWALES (1996).

maneira ambígua (*Die Präpositionen stellen sich als weitere Untergliederung und als Fügewörter heraus.*) Consideremos, em todo caso, que *als*, em um momento, seja empregado como complemento verbal, e posteriormente, como adjunto adnominal, no qual uma informação complementar, em função atributiva, é fornecida (*die Präpositionen und Konjunktionen als Fügewörter*). Defendemos que a formulação de duas predicções com *als* (em uma oração de dezesseis palavras) e a inadequação do verbo utilizado no exemplo de GRAEFEN poderia caracterizar um modo de encenação da competência lingüística. O que torna essa encenação visível são justamente as falhas que ela apresenta, quando da tentativa de maximizar o condensamento de informação. Ora, *als* permite ampla variedade de funções sintáticas e relações de significado, como será demonstrado na seção 4. Ao mesmo tempo, ao tentar reproduzir determinadas invariâncias em língua estrangeira, o autor de texto acadêmico pode, consciente ou inconscientemente, recorrer a expressões não condizentes com aquelas textual e lingüisticamente estabelecidas na língua-alvo. São, portanto, potenciais candidatas do ponto de vista do aprendiz, mas irrealizáveis na língua-alvo. Isso ocasiona um erro. Todavia, ainda criando uma “invariância errônea”, o aprendiz “põe em cena” o seu conhecimento lingüístico através da complexidade de suas escolhas, seja, por ex., utilizando *tokens* mais ou menos frequentes, construindo grupos nominais complexos ou lançando mão de hipotaxe (cf. FEHRINGER & FRY 2007).

Entretanto, o emprego do *als* predicativo em outros contextos que não os complementos verbais ainda não recebeu a devida atenção seja em estudos sobre a Linguagem Comum Científica baseados em corpora, seja no âmbito da produção de textos escritos em DaF. Faz-se, portanto, conveniente descrever outros contextos de ocorrência desta estrutura, partindo, para tanto, de sua controversa classificação gramatical no alemão.

### 3 Classificação gramatical e etimologia de *als*

A classificação de *als* é alvo de controvérsia tanto nas gramáticas quanto na literatura especializada. Conforme FLAATE (2007) e THURMAIR (2001) em seus respectivos mapeamentos, observa-se que essa partícula pode ser compreendida como preposição, conjunção, conjunção preposicional ou conjuntor, dentre várias outras classificações. Os

sintagmas introduzidos por *als* podem ser classificados como predicativos, complementos, adjuntos, advérbios, atributos predicativos ou preposições adverbiais, para citar somente alguns termos. Com efeito, o que se pode é apontar algumas classificações que não se aplicam a *als*.

*Als* não pode ser compreendido como uma preposição, por não reger um caso – condição indispensável para essa classe verbal (THURMAIR 2001:43ss., EGGINS 2006: 192). Como conjunção, por outro lado, somente o significado temporal de *als* é abarcado, sem que outros contextos de uso sejam contemplados. Em *als* convergem características de diferentes classes funcionais, o que lhe atribui uma ampla versatilidade semântica na construção de relações sintáticas (THURMAIR 2001: 43ss). Nesse sentido, EGGINS (2006:193) propõe uma designação genérica de *als* como um **adjuntor** (*Adjunktor*) e THURMAIR, por sua vez, como **juntor**. No presente trabalho, adotaremos a nomenclatura de THURMAIR.

Diacronicamente, *als* é uma partícula de comparação derivada das formas *als*, *alse*, *alsô* “*ebenso*” do Alto-Alemão Médio, a qual consiste em uma redução de *also*. *Also*, por sua vez, é composto pela forma não flexionada *all*, a qual, como adjetivo ou advérbio, possui uma denotação simbólica (cf. HOFFMANN 2003), e *so*, o qual exprime uma relação de dêixis. Desse modo, *also* significa “*ganz so, ganz genau so*” e seria, segundo BÜHRIG (1993), a contra-parte do latim *ergo*. Deste modo, *also* enunciaria uma paráfrase:

Mit also fordere der Sprecher den Hörer auf, bestimmte Teile einer anschließenden Äußerungseinheit hinsichtlich einer vorherigen Äußerungseinheit als “referenzidentisch“ zu interpretieren und somit die beiden Äußerungseinheiten als “Paraphrasen“ von einander anzuerkennen. (BÜHRIG 1993: 236)

No caso de *also*, a tonicidade recai sobre o componente dêitico, cuja intensidade está diluída em *als* (THURMAIR 2001: 93ss.). Ainda assim, é possível observar em *als* a expressão de uma relação parafrásica em casos nos quais essa partícula possui função adverbial ou adnominal, estabelecendo uma relação de equivalência entre dois elementos. Entretanto, a expressão de um julgamento ou um juízo é reforçada pela forma não flexionada *al*, conforme escreve BÜHRIG:

Die nennende Prozedur “al” geht auf eine Bewertungsoperation des Sprechers zurück, die nach einer Auswahl bestimmter Elemente der Vorstellung bzw. des Gewußten eine Gemeinsamkeit zwischen bestimmten, und, da Flektionsmerkmale fehlen, noch zu

verbalisierenden Elementen der Vorstellung bzw. des Gewußten einer anderen Klasse konstatiert (BÜHRIG 1996: 244).

Essa posição é compartilhada por GRAEFEN (1999, 2004) para quem um verbo transitivo, que expressa uma ação ou um processo, passa a exprimir um julgamento se complementado por *als*, como no exemplo de *sehen* anteriormente mencionado (GRAEFEN 1999: 228).

## 4 Construções predicativas com *als*: aspectos semânticos e funcionais

Estruturas atributivas introduzidas por *als* apresentam uma grande versatilidade semântica e funcional. Por esta razão, elas podem ser encontradas em textos científicos em variados contextos de ação retórica, seja na formulação de títulos – como demonstrado na introdução deste ensaio - seja na elaboração de definições ou na redução do escopo de compreensão de um determinado elemento. Isso é possível pelo fato de *als* poder exprimir diferentes significados conforme a sua função sintática. Por esta razão, é plausível assumir que estruturas introduzidas por *als* potencialmente representam uma estratégia heurística para encenação lingüística do discurso acadêmico especialmente em língua estrangeira.

THURMAIR (2001:46) resume as funções sintáticas de *als* em três pontos:

- a) Juntor comparativo: em estruturas comparativas, introduzindo sintagmas ou orações, em comparações irrealis e após *zu* e *genug*;
- b) Juntor para expressão de uma relação de predicação preposto ao grupo nominal (ou outros grupos);
- c) Subjuntor, temporal e em contextos específicos.

No contexto didático, aplicações de *als* para além do uso comparativo e temporal são superficialmente tratadas, sendo apresentadas timidamente em alguns materiais didáticos de nível avançado, como, por exemplo, na *Grammatik mit Sinn und Verstand* de RUG & TOMAZSEWSKI (2009). Por esta razão, e pelo fato de estruturas comparativas serem raras em nosso corpus, essas serão consideradas apenas periféricamente.

Em contextos de uso predicativo, *als* deixa-se sintetizar como uma *small clause* (SC) na fórmula proposta por FLAATE (2007:1):

[scNP als XP]      onde X = N, A, P, Adv

A partir dessa fórmula, podemos, respaldados em BÜHRIG (1996:239ss.), identificar à esquerda de *als* um *Vorfeld* ou **Tema**, e à direita, um *Nachfeld* ou **Rema**. Assim, *als* forma a base funcional para a integração ou expansão de elemento do campo simbólico, no caso, um substantivo, através de um procedimento sintático (HOFFMANN 2003: 27).

A diferenciação semântica do uso predicativo de *als* a ser apresentada não tem a pretensão de ser exautiva e leva em consideração fatores relevantes para a discussão dos dados textuais. Questões pertinentes, por exemplo, ao emprego de casos em estruturas introduzidas por *als* não serão tratadas. Para uma abordagem completa e aprofundada, recomenda-se, portanto, os trabalhos de FLAATE (2007), EGGINS (2006) e THURMAIR (2001). As três autoras adotam abordagens distintas para categorização das funções sintáticas de *als* e os seus possíveis significados. Para a presente investigação, tentaremos resumir os pontos relevantes do trabalho de cada uma delas, tendo consciência de divergências nas classificações propostas.

Para todos os casos aqui tratados, sintagmas introduzidos por *als* serão vistos como atributos predicativos, ou seja, que designam uma qualidade temporária, válida no momento da enunciação (THURMAIR 2001: 55). Assim, é de se notar que *als* não exprime uma qualidade, como o faz *wie* (p. ex. *Er spricht wie ein Muttersprachler*), mas sim uma **função** desempenhada por um determinado ator em um determinado momento (p.ex. *Er spricht als Muttersprachler*):

Bei der mittels *als* fokussierten Funktion oder Rolle handelt es sich um eben jenen “Aspekt” des Bezugsreferenten, welcher im jeweils vorliegenden Kontext bedeutsam ist. Hierin manifestiert sich die residual-(aspekt)deiktische Qualität von *als*. Dabei akzentuiert *als* auch im hier vorliegenden “funktional-selektiven” Gebrauch das **Andersartigen im Identischen**: Mithilfe des *als*-Adjunkts wird der Bezugsreferent in einer seiner vielen Identitäten **abgeschattet**; als leibhaft gegebene Gestalt ist er in dieser Abschattung seiner Identität der *gleiche*, in seinem verschiedenen ihm zugeschriebene Funktionen ist er jedoch ein *anderer*. (EGGS 2006: 186ss.)

*Als* em si, por meio de seu uso **funcional-seletivo**, é uma estrutura empregada que serve para a redução de contingente, no que o falante elege as interpretações do referente



que serão encobertas. Isso imprime à semântica de *als* um caráter metafórico. Relembrando a teoria de LAKOFF & JOHNSON (1980), o sistema conceptual do ser humano - do modo como pensamos e agimos - possui, fundamentalmente, natureza metafórica (LAKOFF & JOHNSON 1980: 4). Por meio de metáfora, os seres humanos mapeiam um domínio conceitual em um outro domínio distinto, de modo que ela ressalta ou destaca a acepção de um conceito (LAKOFF & JOHNSON 1980: 10). Ao realizar essa focalização, a metáfora oculta outros aspectos inconsistentes com a metáfora, que se tornam, assim, irrelevantes para a transmissão do enunciado. Inclusive, é interessante notar como o uso de *als* torna mais explícita a sistematicidade da metáfora passível de ser estabelecida entre dois conceitos. Tomemos, no caso, as estruturas de algumas metáforas conceptuais que LAKOFF & JOHNSON apresentam proposicionalmente (por ex., *ideas are people*, *ideas are plants*, *ideas as products*). Substituindo-se o verbo de ligação por *als* (*as*, no inglês), percebe-se que as estruturas adquirem maior transparência figurativa, que podem ser parafraseadas por termos como “na função de”, “na acepção de”, “consideradas como” etc.

Em termos gerais, FLAATE e THURMAIR identificam três funções sintáticas abrangentes para sintagmas introduzidos por *als*: **complemento verbal** (*Verbselegierte als-Ergänzungen*), **adjunto adnominal** (*Adnominale*) e **adjunto adverbial** (*Adverbiale*). Já a nomenclatura de EGGINS orienta-se pela relação **direta** ou **indireta** que é estabelecida entre o referente e o predicativo. Na função de complemento verbal e adjunto adverbial, existe entre *als* e o referente uma relação indireta, mediada por um verbo. No caso do adjunto adnominal, e em alguns contextos adverbiais, é estabelecida uma relação direta entre o sintagma introduzido por *als* e o elemento por ele caracterizado.

#### 4.1 Complemento verbal

A utilização de verbos de elocução, cuja valência exige um complemento com *als* (por ex., *sich zeigen/präsentieren als*, *etwas verstehen als*, *etwas als etwas ansehen*, *etwas beschreiben als*, *etwas bezeichnen als*, *etwas dient als*) pode ser interpretada como um recurso para reproduzir invariâncias lingüísticas associadas a determinadas metáforas ou

Matias, J. – Encenação da competência lingüística em DAF

figuras de elocução dentro da linguagem comum científica (c.f. FANDRYCH 2004) (Tab.1).

*kritische Auseinandersetzung Beschreiben und Darstellen*  
x wird als y gesehen, betrachtet x wird als y beschrieben/dargestellt

*Raumbezogenes Handeln Erwähnen*  
x stellt sich als y heraus x wird als y genannt

*Forschungshandeln Sprachlich fassen, definieren*  
x lässt sich als y analysiert x wird als y bezeichnet/verstanden

Tab. 1. Atos de linguagem e verbos de elocução com *als*-predicativo (extraído e adaptado de FANDRYCH 2004)

Assim, na língua estrangeira, pode-se recorrer a tais verbos para apresentar e representar o conhecimento lingüístico pertinente à utilização adequada de operadores discursivos. O uso de *als* como complemento verbal corresponde aos casos em que GRAEFEN (1999) chama a atenção para problemas de regência ocasionados pela seleção de um verbo inadequado. A dificuldade dos aprendizes seria, portanto, principalmente semântica, na formulação de um julgamento implícito. GRAEFEN (2004) observa que verbos transitivos diretos, como *sehen, verstehen, darstellen* etc., expressam uma atividade ou processo. Quando regem o juntor *als*, eles exprimem um julgamento implícito, ou, conforme FLAATE (2007: 66), uma estimativa dentro de uma escala entre percepção e interpretação:

Ex.: 3) Man kann es nach Flusser *als* "elektronisches Gedächtnis" *betrachten* (...). [Sociologia/TA1]

4) Literatur als Sprach-Welt *kann als* eigenständige Wissensordnung mit eigenen Regeln *angesehen werden*. [Literatura/TA5]

Isso torna a predicção com mais modalizada, se comparada à utilização de um verbo de ligação (THURMAIR 2001: 58). O exemplo b seria bem mais assertivo se tivesse sido formulado como *Literatur als Sprach-Welt ist eine eigenständige Wissensordnung mit eigenen*

*Regeln.* Desse modo, o falante toma cautela em relação à formulação da proposição, e nisso utiliza um verbo regente de *als* como *hedge*. O complemento verbal com *als* é sintaticamente obrigatório, ou seja, a não-utilização do mesmo acarreta má formação gramatical (THURMAIR 2001: 59). Ainda no exemplo b, no entanto, há uma predicação opcional expressa no sujeito da oração, também composto por uma estrutura com *als*. Neste caso, trata-se de uma função adnominal de *als*.

## 4.2 Adjunto Adnominal

Na função de adjunto adnominal, os predicativos com *als* ocorrem em um contexto exclusivamente nominal, sendo, portanto, independentes do restante da oração (FLAATE 2007: 66) e, conseqüentemente, do verbo (THURMAIR 2001: 50). Desse modo, apresentam-se como componentes opcionais do grupo nominal (cf. FEHRINGER & FRY 2007):

Ex.: 5) *Der Vortrag geht von der Bedeutung der Freiheit als Ausgangspunkt ethischer Überlegungen* aus. [Filosofia/TA10]

Nesse exemplos, o *als* predicativo expande atributivamente o significado de um nome superordenado, com o qual não é estabelecida uma relação de equidade referencial. Segundo FLAATE (2007: 122), é expressa uma relação semântica assimétrica entre os elementos que ocupam as posição temática e remática, especialmente em casos nos quais, através de um nominalizações, o núcleo substantivo é tornado abstrato, como no exemplo:

Ex.: 6) *Die Entlarvung des Generals als ordentlicher Drahtzieher des Aufstandes* (DUDEN 1998, 742 apud. EGGINS 2006: 232)

EGGINS observa que, contudo, a regência nominal advém factualmente do verbo, o que abre a possibilidade de esses contextos serem interpretados como formas adverbiais:

Ex: 7) *Der General wurde als eigentlicher Drahtzieher des Aufstands entlarvt.* (DUDEN 1998, 742 apud. EGGS 2006: 233)

Além disso, *als* denota em contexto adnominal, o desempenho de um papel, de uma função ou o pertencimento a um grupo – o que EGGS (2006:186) descreve como o uso seu funcional-seletivo:

Ex.: 8) *Literatur als Wissensordnung, Literatur und andere Wissensordnungen* [Literatura/TA6]

A caracterização adicional, formulada através do grupo nominal introduzido por *als*, expressa a seleção de uma possível função ou papel do elemento a que se refere. Um exemplo são frases como “Ich als Student”, “Sie als Brazilianerin”, “Als Frau + Verb”. São casos nos quais *als* deixa-se reformular como “x no papel de y”, “x na acepção y”, “x na função y”, “x como parte de y”, “x como membro integrante de y”. Essa função pode ser encontrada especialmente em títulos, conforme demonstrado na introdução deste ensaio.

### 4.3 Adjunto Adverbial

A classe de *als* predicativos em função adverbial é a mais livre e mais complexa. Por um lado, eles podem funcionar como um complemento verbal opcional, admitindo o sentido de um advérbio de modo ou instrumento, como na frase *er arbeitet als Koch* (FLAATE 2007: 65). Nesses casos, os predicativos com *als* são vistos como complementos livres (*freie Angaben*) ou adverbiais livres (*freie Adverbiale*) (EGGINS 2006: 195).

Por outro lado, eles podem completar um nome, deixando-se reformular por um advérbio de tempo, de causa, condição ou mesmo concessão, como nos exemplo:

Ex: 9) *Der Mensch als "animal symbolicum" erfasst 'Welt', 'Wirklichkeit' je schon durch das Medium der Sprache. [Filosofia /TA1] = [Da der Mensch ein animal symbolicum ist, erfasst er Welt, Wirklichkeit (...).]*

Ex.: 10a) *Pia als Ärztin hat das nicht gewusst!? Das ist ja wirklich unglaublich.* (EGGINS 2006:187)

*Obwohl Pia Ärztin ist, hat sie das nicht gewusst!? Das ist ja wirklich unglaublich (ID.)*

Matias, J. – Encenação da competência lingüística em DAF

Ex: 10b) *Als Ärztin im Schichtdienst auf der Intensivstation hat man es wirklich schwer.* (EGGINS 2006:187)

*Wenn man Ärztin im Schichtdienst auf der Intensivstation ist, dann hat man es wirklich schwer.* (id.)

Nestes casos, em que o predicativo com *als* pode ser parafraseado em uma oração hipotática, EGGINS reconhece uma **qualidade argumentativa implícita** de *als* (EGGINS 2006: 225).

O objetivo desse breve resumo de algumas características semânticas e funcionais de *als* foi ilustrar a diversidade de relações complexas que podem ser condensadas por meio de três letras. Essa versatilidade semântica e sintática faz com que *als* se revele como um recurso lingüístico eficiente para a encenação tanto lingüística quanto da competência lingüística, pois os aprendizes tentam “imitar” expressões da linguagem científica comum que se valem de *als*, as estruturas com *als* implicam em diversos contextos uma redução de contingente, além de permitir a relação entre dois referentes formulados com alta complexidade lingüística. Em vista disso, esta predicação é um meio conveniente de demonstrar o domínio de estruturas lingüística e cognitivamente complexas na segunda língua.

Neste ponto, perguntamos-nos: o que os dados processuais podem nos dizer quanto a essa encenação? Quais dificuldades os autores de escritos acadêmicos encontram na formulação de tais estruturas? Que estratégias eles/elas empregam para encenar a linguagem acadêmica? Em que medida eles/elas têm consciência dessa encenação? A seção seguinte toca tais questões.

## 5 A produção de estruturas predicativas com *als* – um estudo de caso

Nesta seção, serão investigados processos cognitivos envolvidos na produção de estruturas predicativas com *als* através de um estudo de caso realizado com falantes de alemão nativos e não-nativos. Os dados a serem apresentados consistem em uma amostra de um estudo empírico realizado com mestrados e doutorandos alemães e brasileiros de quatro áreas das ciências humanas (literatura, filosofia, lingüística e

sociologia). Os dois grupos, cada qual com seis alemães e sete brasileiros, receberam a tarefa de redigir um resumo em alemão, entre 300 e 400 palavras, para a participação em um congresso de suas respectivas áreas de estudos. Os participantes brasileiros deveriam ter pelo menos o nível B2, e, principalmente, ter tido experiência na recepção e produção de textos acadêmicos em português e alemão. A experiência na submissão de resumos e participação em congressos era desejável, mas não um critério de exclusão.

Os resumos foram escritos em um *Laptop Macintosh OS Versão 10.5.8*, em condições de pensamento em voz alta (*Think Aloud – TA*), e documentados com o auxílio do *software* de captura de tela *Camtasia*. As verbalizações foram áudio-documentadas com o microfone interno do computador.

O primeiro procedimento na análise dos dados foi contabilizar o número de ocorrências de estruturas predicativas com *als* nos *abstracts* redigidos por cada um dos grupos. A tabela 2 resume esses números em valores absolutos. Ainda que a amostra seja insuficiente para uma análise de variação com eventual significância, observa-se entre os brasileiros um valor médio um pouco maior na utilização de estruturas aqui tratadas ( $\bar{x} = 3.14$ ,  $\sigma = 2,26$ ) do que entre os alemães ( $\bar{x} = 2.16$ ,  $\sigma = 2,4$ ). Em média, os informantes alemães produziram 15,6 frases, de modo que o *als* predicativo seria utilizado a cada sete. Os brasileiros escreveram uma média de 12,4 frases, de modo que o *als*-predicativo apareceria a cada quatro, portanto, com maior frequência.

Seria isso um indício da utilização de *als* como estratégia heurística? O uso de *als* pode ser apontado como um recurso de encenação da competência lingüística? Ainda não é possível responder. Em todo o caso, os dados permitem observar alguns padrões de frequência dentro das áreas de estudo, independente do grupo. A tabela 2 demonstra que o maior número de frequências das estruturas estão nas áreas de Literatura e Sociologia. Embora uma série de fatores possam influenciar esse número de ocorrências - por ex., preferências individuais, nível de proficiência, maturidade do trabalho de pesquisa, *priming* etc. -, tais números sugerem as preferências lingüístico-textuais dos respectivos campos de estudo.

<i>DE (n=6)</i>	<i>Área</i>	<i>L1 (DT)</i>	<i>BR (n=7)</i>	<i>Área</i>	<i>L2 (DT)</i>
Antje	Linguística	2	Bob	Sociologia	4
Djaho	Etnologia	1	Carlos	Sociologia	1
Elise	Literatura	7	Cris	Literatura	5
Hans	Política	0	Dani	Sociologia	7
Karolin	Política	2	Pedro	Filosofia	1
Karsten	Sociologia	1	Renato	História	2
			Sonia	Sociologia	2
<i>Total</i>		<i>13</i>			<i>22</i>

Tab.2. Ocorrências de *als* nos textos produzidos em condições experimentais (valores absolutos)

Legenda: DE: escritores alemães - DT: Alemão - L1: Língua materna - L2: Língua estrangeira

Com relação à distribuição, os brasileiros utilizaram, em números absolutos, três vezes mais construções com *als* em função adverbial do que os alemães. Dessas construções, dois terços foram formulados na voz passiva, ou seja, *als* aparece entre os brasileiros em maior frequência em formulações impessoais e modalizadas, funcionando como um *hedge*. Qualitativamente colocam-se, agora, outras questões pertinentes 1) ao grau de complexidade e de acurácia dessas estruturas, e 2) às estruturas de pensamento por trás da produção dessas construções. Elas apresentam algum tipo de dificuldade para as autoras dos textos? Quais estratégias são utilizadas para produzi-la? Os participantes têm consciência da ação encenatória? Como as autoras dos textos, enfim, **formulam** verbalmente a encenação?

Compreende-se como **Formulação** um processo mental, por meio do qual atribui-se uma representação conceptual, forma e estrutura linguística (LEVELT 1993, KESSELING 1993, PECHMANN 1994, WROBEL 1995). Segundo o modelo de LEVELT (1993), a Formulação ocorre a partir de uma **conceitualização** em um nível não-verbal, o qual designa uma intenção comunicativa. Uma vez disponível a representação

conceptual, o falante seleciona *lemmas* de seu léxico mental, os quais serão codificados fonológica, sintática e – no caso da escrita – grafemicamente (cf. WROBEL 2002).

Especialmente neste caso, a formulação pode ser **fluente** – com pausas < 3s, sem dificuldades, praticamente automática - ou **não-fluente**. Neste último caso, a formulação caracteriza-se por pausas longas ou rupturas, nas quais os autores de textos podem dar início a reparos, como reformulações, paráfrases, substituições, inserção de elementos, ou mesmo, reconceptualizar a mensagem original. Assim, uma formulação não-fluente pode ser o resultado de esforços na resolução de um problema, ou mesmo a tentativa de aprimoramento de um conteúdo já formulado.

De acordo com SCHILPEROORD (1996: 9), pausas sinalizam processos cognitivos envolvidos na mudança de estados de atenção. Nesse sentido, elas possuem três funções principais: 1) a produção de novos incrementos, ou seja, sequências linguísticas que se aglutinam ao conteúdo já produzido; 2) atualização do conteúdo na memória de trabalho, e 3) monitoramento. Nesse sentido, as pausas podem apontar para processos de planejamento, acesso lexical, leitura do texto já produzido ou dificuldades de formulação. Conforme sua duração e a localização, as pausas desenham um quadro das dificuldades encontradas durante a produção de uma determinada estrutura, além de permitirem identificar vestígios da aplicação de estratégias para solução dessas dificuldades. Relevantes para o presente estudo são, sobretudo, as pausas que ocorrem dentro de uma oração. Pausas antes de parágrafos, ou no início de uma oração não serão, portanto, consideradas.

Pausas motivadas por processos de monitoramento podem ser acompanhadas por **reparos**. Os falantes tendem, de modo geral, a reformular trechos do enunciado quando a expressão ideal ou apropriada não é encontrada, isto é, quando determinadas regras de boa formação do enunciado não são atendidas (cf. PECHMANN 1994:100).

Na comunicação oral, reparos são abordados como estratégias comunicativas na realização de **mudanças de estrutura** (*structures shifts*, segundo ENKVIST & BJÖRKLUND 1989), ou, na comunicação escrita, de **estratégias de reestruturação** (ROCA DE LARIOS et al. 1999).

A seguir, serão apresentados quatro exemplos, nos quais estruturas com *als*-predicativo foram formuladas em resumos de conferência nas L1 e L2 alemão. Para tanto, os processos de escrita documentados com auxílio do programa *Camtasia* foram



transcritos em formato de partitura no programa EXMARaLDA (Fig.1). Com base na transcrição, foi desenvolvido um sistema de notação, o qual tenta representar graficamente a construção da oração. Assim, procurou-se ilustrar a incrementalidade da produção de linguagem escrita, a não-linearidade do processamento de grupos nominais complexos, alternativas rejeitadas e conceitos ativos na memória de trabalho. Os códigos adotados estão representados na Fig 1.

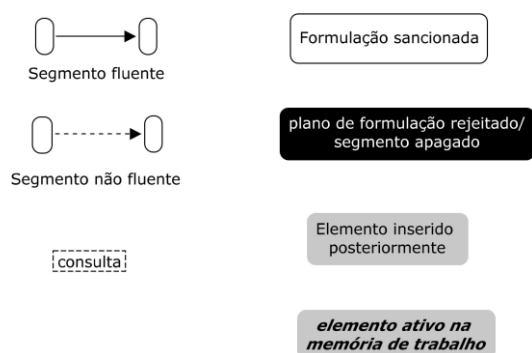


Fig 1. Legendas: notação gráfica (esq.) e transcrição (dir.)

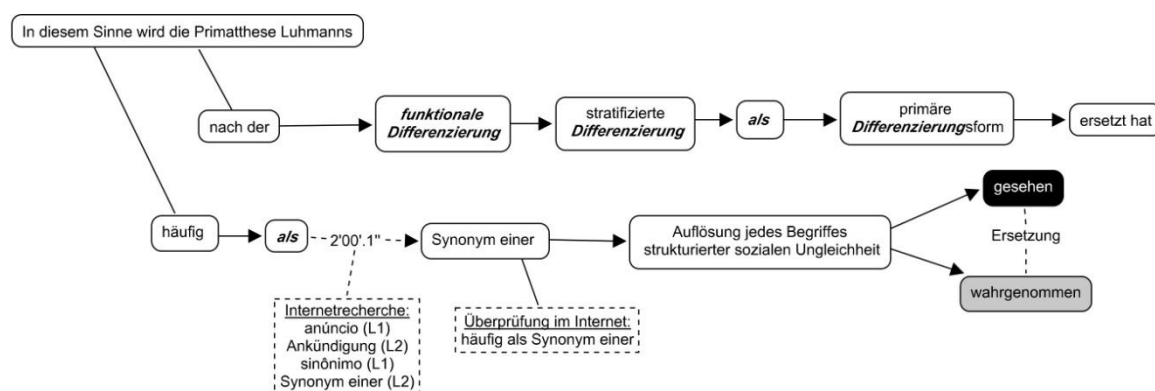
## Alemão L2

### Caso 1

*In diesem Sinne wird die Primatthese Luhmanns, nach der funktionale Differenzierung stratifizierte Differenzierung als primäre Differenzierungsform der Gesellschaft ersetzt hat, häufig als Synonym einer Auflösung eines Begriffes strukturierter sozialen Ungleichheit wahrgenommen.*

Interpretamos o caso acima como um exemplar de encenação de comunicação interna (ANTOS 1995). Provavelmente, essa sentença é uma das mais, se não a mais hermética de todos os textos produzidos no grupo brasileiro. Tal hermeticidade é percebida na pressuposição de que o receptor tenha um mínimo de conhecimento dos termos apresentados, na densidade atributiva da formulação, observável em elementos sintaticamente opcionais, como a oração relativa, e na impessoalidade, expressa pela voz passiva. O núcleo propositional *die Primatthese Luhmanns*, além de ser explicado por uma oração não-restritiva, é relacionado com um grupo nominal, composto de uma

cadeia de três genitivos, que, sendo introduzida por *als*, funciona como argumento do verbo. Neste exemplo, como em dois outros já comentados, *als* aparece duas vezes. Um olhar sobre a representação do processo de escrita demonstra, contudo, que o autor enfrentou dificuldades na seleção do elemento referenciador:



A representação do processo de construção da frase demonstra que, da esquerda para a direita, Bob produziu um trecho da sentença linearmente, com fluidez, até a abertura do segundo plano sintático com *als*. Aqui, a produção é interrompida por mais de dois minutos, durante os quais o autor do texto busca encontrar o lexema que exprima a relação de equivalência entre sujeito e argumento introduzida por *als*.

- 22 [W]: stratifizierte Differenzierung als primäre Differenzierungsform der mod  
 23 [W]: der Gesellschaft ersetzt hat, ((4s))  
 [G-S]: mo  
 24 [K]: googlet nach "die These, nach der" Luhmann  
 25 [K]: kehrt zum worddokument wieder  
 26[K]: sucht auf dem Pauker nach dem Wort ersetzen, googlet nach "stratifizierte Differenzierung ersetzt hat"  
 27 [W]: häufig als ((10s))  
 [K]: kehrt zum worddokument wieder  
 28 [K]: googlet nach "anúncio", korrelat, sinônimo, synonym einer  
 29[W]: *Synonym einer* ((3s)) Auflösung jedes Begriffes struktureierter sozialen Ungleichheit *gesehen*.  
 30 [K]: fügt Fußnote ein.  
 31[K]: nachdem der Text wieder gelesen wird, googlet nach "Auflösung jedes Begriffes", anschließend nach "Auflösung eines Begriffes", "des Begriffes"  
 32 [K]: kehrt zum Worddokument wieder, macht Revisionen  
 33 [G-S]: *gesehen*  
 [Rp]: *wahrgenommen* ((22s))

A primeira estratégia do informante é procurar o verbete *anúncio* em um dicionário de tradução *online*, o que o leva à opção *Ankündigung*. O processo de busca mostra que a sequência de ativação dos itens lexicais transcorre do mais concreto, cotidiano, frequente, para o mais específico e abstrato, o qual finalmente é sancionado. Naturalmente, em termos semânticos, pode-se especular que o informante, na verdade, reconcepcionalizou sua mensagem, se considerarmos que, entre *anúncio* e *sinônimo*, há uma perceptível diferença de significado. Nesse caso, pelo fato de o autor do texto conscientemente rejeitar uma alternativa lexicalmente mais comum, em detrimento de uma mais específica, enxergamos um modo de encenação da competência lingüística. Pois o receptor do texto – a menos que tenha contato com os dados dessa pesquisa – jamais saberá das opções comuns, que permearam a processo de redação. Ou seja, são estratégias que o autor utiliza para complicar o seu texto.

A mesma lógica aplica-se à substituição do verbo *sehen*, acentuadamente comum, por *wahrnehmen*, que, apesar de ser menos comum que *sehen* no contexto de situação, é mais genérico, praticamente um superordenado. Como no caso de anúncio e sinônimo, aqui, a sequência do acesso lexical se dá do mais concreto para o mais abstracto.

A substituição do verbo *sehen* e a dificuldade em preencher a posição remática manifesta-se na produção de outros autores de texto, como vemos no segundo caso.

## Caso 2

*Häufig wird das Thema Jugendlichen mit einem Migrationshintergrund und ihrer Integration innerhalb der deutschen Gesellschaft als ungelung erwähnt.*

Esta é a frase de abertura do resumo da informante Dani. Nela, a autora exprime um julgamento distanciado e modalizado com relação ao núcleo proposicional através do emprego do *als* predicativo complementando o verbo *erwähnen*. Comparado à sentença produzida por Bob, a oração de Dani, devido à parataxe, é menos complexa<sup>7</sup>, mas não deixa de atender às exigências lingüístico-textuais

<sup>7</sup> ela poderia p.e. ter elaborado um grupo nominal complexo como “Die Integration Von Jugendlichen mit migrationshintergrund in der deutschen Gesellschaft”



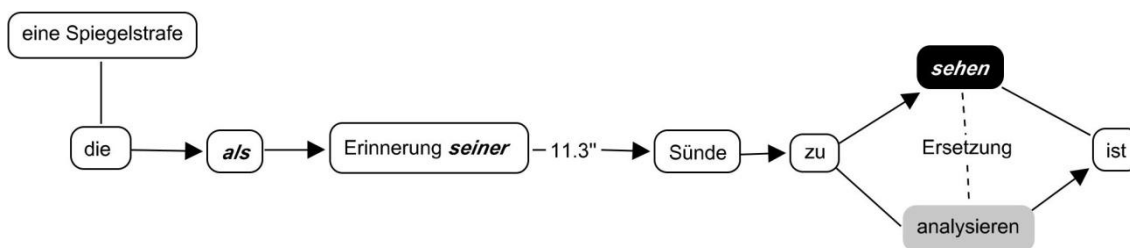
informante buscase factualmente uma expressão menos comum e que exprimisse maior tecnicidade.

Nesse exemplo, enxergamos um caso interessante de encenação: a informante utiliza corretamente a estrutura sintática e lexical, falhando, no entanto, na semântica do elemento que justamente determina a ação da linguagem. A tentativa de encenação foi, sob esse ponto de vista, mal sucedida.

### Caso 3

*Anfortas der Gralskönig beachtet nicht die Normen und Regel des Grals und deswegen wird er für sein unangemessenes Verhalten bestraft, ein Spiegelstrafe, die als Erinnerung seiner Sünde zu analysieren ist.*

Similarmente aos exemplos anteriores, neste exemplo o preenchimento da posição remática é marcado por uma pausa. Com efeito, essa pausa aponta para a dificuldade da informante Cris em acessar na L2 um constituinte do complemento verbal. Esse é parte integrante do predicado, o qual especifica o núcleo nominal subdeterminado. Portanto, a pausa poderia ser vista como indiretamente motivada pela partícula *als*.



168 [Rp]: komma *ein Spiegelstrafe die als Erinnerung seiner* uh •• *die als erinnerung seiner*

169 [L-S]: Sünde?

[Rp]: Sünde

170 [P-L] : ••• *die als Erinnerung seiner Sünde* ...••

171 [Rp]: *zu sehen ist*

[G-S]: *sehen*

172 [Rp]: *zu analysieren ist* ((14s))

Outra semelhança com o exemplo anterior é a substituição do verbo *sehen* por *analysieren*. O protocolo demonstra que *sehen* já estava saliente na memória de trabalho

da informante, no que esse já havia sido acessado e rejeitado em um outro momento da produção, sob o argumento de que ele seria “muito simples”:

57 [L-S] : *nee nicht festgestellt*

58 [W]: *gesehen*

59 [L-S] : *aber sehen ist so einfach... nee, nicht sehen... ham... sondern ... wo ist*

*Synonim, da?*

[G-S]: *gesehen*

[K]: *sie sucht nach einem Synonim im Internet*

60 [P-L]: *als Gegner oder Komplementäre ...*

[NV]: *nachdenklich (stützt den Kinn auf die Hand dannach schaut schnell nach oben)*

61 [W]: *verstanden ver-stand-den- verstanden werden*

62 [Rd]: *Leib und Seele können dementsprechend als Gegner oder Komplementäre verstanden werden.*

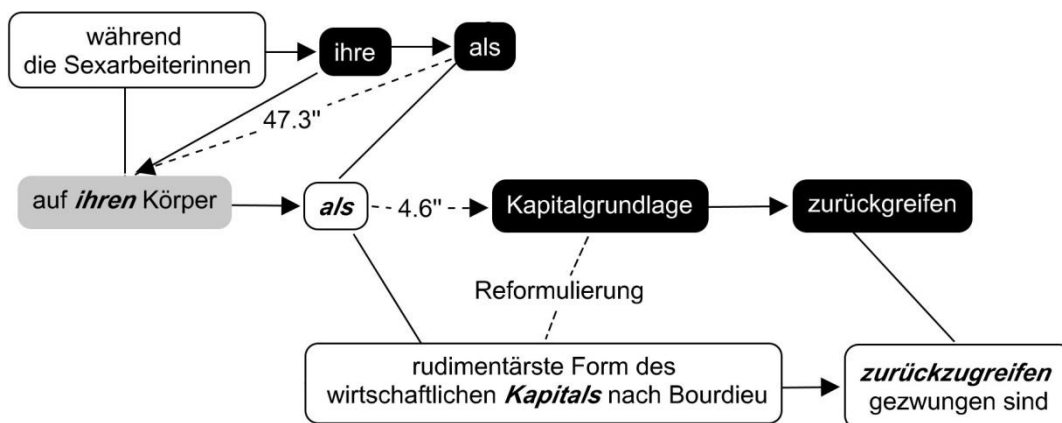
Nesse caso, o conceito de encenação lingüística poderia ser aplicado, pois, embora *sehen* (ou mais apropriadamente *ansehen*) fosse possível dentro do respectivo contexto, a informante preferiu optar por um verbo menos comum que *sehen*. Decidir-se pelo verbo *verstehen* não foi uma tomada rápida de decisão. O verbo *verstehen* só foi ativado após a informante, durante a pausa, fornecer pistas pára-verbais de seu esforço consciente para acessar o item lexical desejado (Linha 60). A sequência do acesso lexical é semelhante à dos outros dois casos: *sehen* é a forma mais concreta e comum, portanto, a mais saliente; *feststellen* expressa uma conclusão baseada em observação, sendo menos comum que *sehen*, mas ainda baseado na experiência. *Verstehen*, por sua vez, informa ao recipiente uma ação no nível hermenêutico, e consequentemente, mais abstrata.

### Alemão L1

*Während die SexarbeiterinnInnen auf ihren Körper als rudimentärste Form wirtschaftlichen Kapitals zurückzugreifen gezwungen sind...*

Neste trecho de oração, redigido pelo informante Karsten, o sintagma introduzido por *als* possui função adnominal: ele expande um conceito superordenado (*Körper*) e é um elemento facultativo na configuração sintática da oração. No processo de escrita dessa sentença, Karsten produziu, primeiramente com fluência, a frase: *während die Sexarbeiterin ihren als*, em seguida, produziu *während die Sexarbeiterin auf ihren*

*Körper als*, e após abrir um plano sintático com *als*, realizou uma pausa de 4.6 segundos.



Essa pausa é um indício de que a expansão sintática aberta por *als*, consequentemente a relação tema-remata a ser estabelecida, *a priori* não está acessível nem linguística e nem conceitualmente ao falante. Conforme demonstra o TAP, o núcleo nominal *Kapital* está ativado, mas a atribuição, ou seja, a caracterização ou determinação deste está ausente:

152[M-K]: ich muss da irgendetwas mit Kapital ((unverständlich)) von null an kann ich gar nichts wissen ((7s)) ach, das ist Mist jetzt...ist viel zu viel Text ((5s))  
 [K]: regt sich nach der Pause auf.

Após a pausa, ele formula o substantivo composto *Kapitalgrundlage*, o qual, em um segundo momento, é reformulado em *rudimentärste Form wirtschaftlichen Kapitals nach Bourdieu*.

153[W]: *auf ihre Körpern als ((3s)) Kapitalgrundlage zurückgreifen*  
 [G-S]: als  
 154[M-K]: als...was ist denn dies, das ist nicht Kapital, das ist als rudimentär  
 155[Rp] : *rudimentärste Form wirtschaftlichen Kapitals nach Bourdieu*  
 156[G-S] : Kapitalgrundlage

A partir desses dados, seria plausível afirmar que aqui estamos frente a um caso de encenação linguística? Considerando-se como critério a complexidade do grupo nominal da opção sancionada, em contrapartida com o substantivo composto rejeitado, a resposta seria positiva. Um contra-argumento seria de que, neste segmento, o autor substituiu um conceito por outro, se considerarmos que *Kapitalgrundlage* e

*rudimentärste Form wirtschaftlichen Kapitals* têm significados distintos. Em todo caso, aqui também a formulação do elemento referenciador exigiu o emprego de reparos.

Na produção de Karsten encontramos ainda mais um exemplo interessante na formulação de uma estrutura comparativa. No processo, após formular com relativa fluência o segmento *diejenige, die mit dem Kopf arbeitet*, o autor do texto, ao monitorar a superfície textual, considera o enunciado “hohl” – vago, oco. Por conseguinte, ele reformula o enunciado em *diejenige, die mit Fähigkeiten wirtschaftet*, repetindo a seqüência de acesso lexical que vai do mais comum para o mais científico:

170 [Rp] : viel größeren

171 [K] : setzt nach ausgesetzt fort

172 [P] : *als die ((5s))jenige, die mit dem Kopf arbeitet*

173 [M-K] : *das klingt jetzt total hohl* eh, *das klingt jetzt mit dem Kopf*, so ein Bullshit ((6s))

174 [L-S] : mit geistigen Fähigkeiten wirtschaftet

175 [P] : *geistigen Fähigkeiten wirtschaftet/ das Einkommen erbringt.*

## 6 Conclusão

Reconhecer contextos de encenação da competência lingüística significa identificar formas de expressão, através das quais os autores crêm estar utilizando recursos lingüísticos adequados e sofisticados para se apresentarem a uma comunidade discursiva na língua-alvo. Este ensaio buscou identificar alguns critérios de base textual e cognitiva que possam servir de base para uma maior elaboração do conceito de encenação da competência lingüística. Um dos critérios foi a complexidade do material lingüístico produzido. Os dados sugerem que, tanto na língua estrangeira, como na língua materna, os informantes se esforçam para encontrar um modo de expressão que se distancie da linguagem comum e se aproxime da linguagem comum científica. Isso foi demonstrado a partir da seqüência do acesso de itens lexicais.

Uma outra interpretação seria de que os autores buscam reprimir formas conceptualmente muito salientes, buscando, deste modo, uma variedade lexical que demonstre o seu domínio lingüístico.



A encenação pode, em alguns contextos, caracterizar-se pelo uso equivocado de uma construção ou item lexical. Nesse caso, se o monitor é ativado, o elemento utilizado pode ser revisto e, em parte, modificado.

Contudo, nem todo erro é uma tentativa de encenação, assim como a encenação através da substituição de uma estrutura simples por outra complexa exige que ambas tenham significados equivalentes.

A partir de tais observações, pode-se concluir que *als* factualmente é um recurso lingüístico efetivo para a reprodução de atos comunicativos dentro de textos acadêmicos, amplamente utilizado tanto na L1 quanto na L2. Prova disso é que, em raros exemplos do nosso corpus processual, um autor rejeita um plano sintático iniciado por *als*.

Um dado interessante é o fato de a produção do elemento que deve preencher a posição remática geralmente ser precedido por pausa. Nesse sentido, os dados apresentam conformidade com a análise de BÜHRIG (1996: 239) para reformulações introduzidas por *also*. *Als* marca o limite do conhecido. Assim, ele abre um plano sintático que exige o acesso de informações da memória de longo prazo, e a codificação desta informação em uma relação de equidade referencial ou de pertencimento, função, instrumento etc., o que pode exigir considerável esforço cognitivo tanto na L1 quanto na L2.

Embora a noção de encenação da competência lingüística seja ainda mais complexa do que o escopo da presente contribuição, ela permite algumas reflexões didáticas para a aula de escrita em língua estrangeira. Através dessa noção, é possível sensibilizar os alunos para a diversidade de níveis estilísticos que se pode alcançar com recursos lingüísticos mais ou menos complexos. A própria encenação de estilos, como numa famosa crônica de Paulo Mendes Campos, é um exercício profícuo e prazeroso que pode ser amplamente utilizado na aula de produção de texto em língua estrangeira.

## Referências Bibliográficas

- ANTOS, G. Jakobs, Sprachliche Inszenierungen von "Expertenschaft" am Beispiel wissenschaftlicher Abstracts. In: KNORR, D. & MOLITOR-LÜBBERT, S. ed. *Wissenschaftliche Textproduktion, Wissenschaftliche Textproduktion: mit und ohne omputer*. Frankfurt a.M: Peter Lang, 1995. pp. 113-127.

- ANTOS, G. Kulte, Kommunikation, Konsens-Inszenierungen. In: HABSCHIED, S. & KNOBLOCH, C. *Einigkeitsdiskurse: zur Inszenierung von Konsens in organisationaler und öffentlicher Kommunikation*. Wiesbaden : VS Verl. für Sozialwiss., 2009. pp. 117-126.
- BÜHRIG, Kristin. *Reformulierende Handlungen*. Tübingen: Gunter Narr, 1996.
- CHARAUDEAU, P. O discurso propagandista : uma tipologia. In: MACHADO, I. & MELLO, R. *Análises do Discurso Hoje*, vol. 3. Rio de Janeiro : Nova Fronteira (Lucerna) 2010, p.57-78, acessado em 8 de outubro de 2013 no site *Patrick Charaudeau - Livres, articles, publications*. URL: <http://www.patrick-charaudeau.com/O-discurso-propagandista-uma.html>
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- EHLICH, Konrad. Alltägliche Wissenschaftssprache. In: *Informationen Deutsch als Fremdsprache* 1, 1999. pp. 3-24.
- EGGS, F. *Die Grammatik von als und wie*. Tübingen: Gunther Narr Verlag, 2006.
- ENKVIST, Nils & BJÖRKLUND, Martina. Toward a taxonomy of structure shifts. In: M. HEYDRICH, Wolfgang ed.; et. al. *Connexity and coherence: analysis of text and discourse*. Berlin: de Gruyter, 1989. pp. 324-341.
- FANDRYCH, Christian. Bilder vom wissenschaftlichen Schreiben. In: *Materialien Deutsch als Fremdsprache* 73, 2004. pp. 269-291.
- FEHRINGER, Carol & FRY, Christina. Frills, furbelows and activated memory: syntactically optional elements in the spontaneous language production of bilingual speakers. In: *Language Sciences* 29, 2007. pp. 497-511.
- FLAATE, Inghild. *Die als-Prädikative im Deutschen: Eine syntaktisch semantische Analyse*. Tübingen: Stauffenburg, 2007.
- GOTTBURGEN, A. Zur sprachlichen Inszenierung von Geschlecht – doing gender in Kontaktanzeigen. *Zeitschrift für germanistische Linguistik*, 1995, 23. pp. 257-283.
- GRAEFEN, Gabriele. Wie formuliert man wissenschaftlich? In: *Materialien Deutsch als Fremdsprache* 52, 1999. pp. 222-239.
- GRAEFEN, Gabriele. Aufbau idiomatischer Kenntnisse in der Fremdsprache. In: *Materialien Deutsch als Fremdsprache* 73, 2004. pp. 293-309.
- HABSCHIED, S. & KNOBLOCH, C. Zur Einführung in den Band. In: HABSCHIED, S. & KNOBLOCH, C. *Einigkeitsdiskurse: zur Inszenierung von Konsens in organisationaler und öffentlicher Kommunikation*. Wiesbaden : VS Verl. für Sozialwiss., 2009. pp. 7-17.
- HOFFMANN, Ludger. Funktionale Syntax: Prinzipien und Prozeduren. In: HOFFMANN, Ludger ed. *Funktionale Syntax: die Pragmatische Perspektive*. Berlin u.a.: Walter de Gruyter, 2003.
- KRAUSE, D. *Luhmann-Lexikon*. Ferdinand Enke, Stuttgart, 1996.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1984.
- LEVELT, W. *Speaking: From intention to articulation*. Cambridge Mass. u.a.: MIT Press, 1993 (1a. ed. 1989).
- LUHMANN, N. Reduktion von Komplexität. In: RITTER, J. & GRÜNDER, K. *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Vol. 8. Basel: Schwabe: 1990. p. 378.
- LUHMANN, N. *Soziale Systeme – Grundriß einer allgemeinen Theorie*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1984.
- PECHMANN, Thomas. *Sprachproduktion - zur Generierung komplexer Nominalphrasen*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1994.

- ROCA DE LARIOS, J.; MURPHY, L. & MANCHÒN, R. The use of restructuring strategies in EFL writing: A study of Spanish learners of English as a foreign language. In: *Journal of Second Language Writing* 8, 1999. pp. 13-44.
- SCHILPEROORD, Joost. *It's about time: temporal aspects of cognitive processes in text production*. Amsterdam: Rodopi B.V., 1996.
- SWALES, J. Nonnative speaker graduate engineering students and their introductions: Global coherence and local management. In: CONNOR, U. & JOHNS, A. (ed.) *Coherence in Writing: Research and Pedagogical Perspectives*. Alexandria, Va. : Teachers of English to Speakers of Other Languages, 1990. pp. 187-207.
- THURMAIR, Maria *Vergleiche und Vergleichen: eine Studie zu Form und Funktion der Vergleichsstrukturen im Deutschen*. Tübingen: Niemeyer, 2001.
- YAKHONTOVA, T. "Selling" or "telling"? The issue of cultural variation in research genres. FLOWERDEW, John ed. *Academic Discourse*. London: Longman, 2002. pp. 216-232.
- WROBEL, Arne *Schreiben als Handlung: Überlegungen und Untersuchungen zur Theorie der Textproduktion*. Tübingen: Niemeyer, 1995.
- WROBEL, Arne. Schreiben und Formulieren. Prätext als Problemindikator und Lösung. In: PERRIN, D. et. al (ed.) *Schreiben. Von intuitiven zu professionellen Schreibstrategien*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 2002. pp. 20.

## Corpora

DEUTSCHE NATIONAL BIBLIOTHEK Disponível em:

<[http://www.dnb.de/DE/Home/home\\_node.html](http://www.dnb.de/DE/Home/home_node.html) > (31/08/2013)

DIGITALES WÖRTERBUCH DER DEUTSCHEN SPRACHE (DWDS) Disponível em:

<<http://www.dwds.de/>> (10/09/2013)

*Recebido em 06/08/2013*

*aceito em 11/10/2013*